

Recomendar    Tweet 

12/01/2015 00:05:30

Haitianos e cariocas que ajudaram a reconstruir o país fazem ato hoje

Há cinco anos um terremoto matou mais de 200 mil pessoas e deixou outras 250 mil feridas, a maior tragédia vivida pelo Haiti

VANIA CUNHA

Rio - Às 17h desta segunda-feira, dezenas de haitianos que vivem no Rio se unirão a cariocas para fazer muito barulho na sede da ONG Viva Rio, na Glória. É a forma deles de expressar a dor e lembrar o que, há cinco anos, aconteceu no mesmo horário, a maior tragédia natural que aquele país já conheceu. Em 2010, um terremoto matou mais de 200 mil pessoas, deixou outras 250 mil feridas e uma chaga ainda aberta nas vidas dos demais sobreviventes. Nesse período, a ajuda de voluntários cariocas foi fundamental na recuperação do país e da dignidade das pessoas.

Na tarde fatídica, o gonçalense e mestre de capoeira Flávio Saudade, 37 anos, cortava o cabelo quando a casa começou a tremer. “Tudo caiu sobre mim. Fiquei no batente da porta pedindo a Deus que me desse mais uma chance de ver a minha filha. Foram segundos que mudaram a minha vida”, lembrou.



Terremoto deixou milhares de mortos e feridos. Até hoje o país tenta se recuperar
Foto: Ernesto Carriço / Agência O Dia

Nos dias seguintes, ele e outros cariocas racionaram comida e água, além de dormir no quintal com mochilas e passaportes prontos para escapar antes de outro tremor. “Víamos feridos e centenas de corpos sem resgate. Senti que, se Deus atendeu ao meu pedido, era a chance de fazer algo por aquelas pessoas.”

Foi assim que, em meio a toneladas de escombros e dor, reconstruiu das cinzas o projeto de ensinar capoeira para crianças. O número de alunos pulou de 300 para mais de 530, que conseguiram lidar com o trauma através da luta. Agora o projeto está sendo exportado para a República do Congo, na África. “As aulas eram uma forma de superar a realidade. Ver crianças com roupas rasgadas, mas um sorriso no rosto me ensinou que a esperança de futuro é possível, independentemente da situação.”

A mesma sensação teve o arquiteto urbanista Baltazar Morgado, 49. Ele chegou ao Haiti quatro dias após a tragédia e lá ficou por três meses. Nesse período, ajudou na criação de uma fazenda modelo para sobreviventes, escavou escombros, distribuiu comida, resgatou corpos e ajudou em sepultamentos, além de melhorar as condições de vida com banheiros químicos e a limpeza urbana. “Fiz tudo o que podia. Para reconstruir o país, é preciso investimento maciço. Mas a capacidade de recuperação daquele povo me marcou de um jeito que não parei de ajudar. Tenho mais alegrias do que tristezas para contar depois disso”, garante Baltazar, que faz o mesmo trabalho na Região dos Lagos.

ONG homenageia vítimas e cria site para sobreviventes

A tragédia fez o fotógrafo do **DIA** Ernesto Carriço embarcar num projeto pessoal de ajuda aos haitianos. Durante três anos, registrou a capacidade do povo de se reinventar e a vocação turística para melhorar a economia do país. “São pessoas que não precisam de pena, mas de investimento. O país tem um potencial incrível para sair da crise”, avaliou.

O diretor da ONG Viva Rio, Rubem César, estava lá na época do terremoto e continua indo ao país mensalmente ajudar. Ele analisa que o processo de reconstrução está só no começo. “São muitos problemas de ordem internacional que fazem o trabalho ficar mais lento. Mas o Brasil teve papel fundamental, principalmente na implantação de projetos para a melhoria das condições humanas”, disse.

Hoje, o Viva Rio promove o ‘barulhão’ e a homenagem às vítimas, além de lançar site com orientações aos haitianos que passaram a viver no Brasil.

EXPERIÊNCIA

ERNESTO CARRIÇO, fotógrafo do DIA

“Jamais imaginei presenciar algo tão impactante”

“Quando o terremoto ocorreu, a vontade de ver de perto a situação era grande. Viajei em um voo da Força Aérea Brasileira com a promessa de ficar poucas horas. O avião levava, além de jornalistas, suprimentos para os sobreviventes. Ao descer no aeroporto, o impacto foi grande: centenas de pessoas ficavam ali na esperança de fugir do desastre ou aguardando ajuda. Em 24 anos de profissão e com a experiência de cobertura em grandes tragédias, jamais imaginei que pudesse presenciar algo tão impactante. A dimensão do terremoto era gigante, mas a vontade do povo de superar a dor era ainda maior.



A esperança dos haitianos para superar a tragédia é motivação para voluntários de diversos países

Foto: Ernesto Carriço / Agência O Dia

Decidi que deveria registrar não só a catástrofe, mas a força do povo haitiano, a beleza além da miséria e a capacidade de se reerguer. Ali existe a crença de que o Haiti vai se transformar numa nação capaz de ajudar o resto do mundo. Viver aquela tragédia mudou a minha visão sobre o mundo e a vida. Hoje não me sinto capaz de reclamar de nada, após ver que pessoas numa situação dramática conseguem manter o sorriso e a esperança de uma vida melhor.”

Recomendar 0 g+1 0 Tweet 0

Tags: Haiti , Viva Rio , manifestação

Notícias Relacionadas

Quase quatro milhões de pessoas marcham contra o terror na França

O Ministério do Interior disse que foi a maior manifestação popular já registrada...



Ato contra aumento de tarifas termina em tumulto



Manifestantes se reúnem na Cinelândia para ato contra aument...



Quatro capitais terão protestos contra aumento da tarifa do ...

